

DECISÕES CRISTOLÓGICAS DOS SETE CONCÍLIOS ECUMÊNICOS

Cliff Iuri de Souza Gonçalves¹

Walter Ferreira da Silva Júnior²

RESUMO – A palavra trindade é um conceito que não aparece na Bíblia Sagrada, mas é um tema que norteia as bases de fé da Igreja Cristã. O credo apostólico, que foi editado ao longo dos tempos, teve vários acréscimos e retiradas de termos sobre quem seria Jesus, Deus e o próprio Espírito Santo, até chegar à forma conhecida atualmente. Este é um dos temas muito trabalhado nos concílios ecumênicos entre os séculos IV-VIII e que até os dias atuais, não possui um consenso. A tentativa de definir as três pessoas da Trindade é uma tarefa árdua e complexa. Este trabalho, portanto, visa traçar um panorama deste recorte da história do cristianismo, enfatizando as principais decisões relacionadas a Cristo. De Nicéia I (325) a Nicéia II (787), são abordadas as principais heresias, seus principais fundadores, e as respostas dos concílios para cada uma destas, com as respectivas conclusões dos concílios.

Palavras-Chave: Decisões cristológicas. Concílios ecumênicos. Heresias, Trindade, História do cristianismo.

ABSTRACT - The word trinity is a concept that does not appear in the Holy Bible, but it is a theme that guides the faith bases of the Christian Church. The apostolic creed, which has been edited throughout the ages, has had several additions and withdrawals from terms about who Jesus, God and the Holy Spirit would be, until reaching the form known today. This is one of the themes that has been widely worked on in the ecumenical councils between the 4th and 8th centuries and which, to this day, does not have a consensus. The attempt to define the three persons of the Trinity is an arduous and complex task. This work, therefore, aims to provide an overview of this section of the history of Christianity, emphasizing the main decisions related to Christ. From Nicaea I (325) to Nicaea II (787), the main heresies, their main founders, and the councils' responses to each of them are addressed, with the respective council conclusions.

Keywords: Christological decisions. Ecumenical councils. Heresies. Trinity. History of Christianity.

¹ Bacharel em Engenharia de Petróleo pela Universidade Tiradentes, Mestre em Engenharia Química pela Universidade Federal de Sergipe e Doutorando em Engenharia Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduando em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

² Graduado e Licenciatura em História. Pós-Graduado em Teologia. Atualmente é professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

INTRODUÇÃO

Após a morte e a ressurreição de Cristo, os apóstolos possuíam uma grande missão em suas mãos: o questionamento sobre quem era Jesus Cristo pairava dentre os adeptos do novo movimento (mais tarde denominado de cristianismo) e eles precisavam dar respostas. Antes mesmo de sua morte, Jesus Cristo havia perguntado aos seus discípulos: *Ἑμεῖς δὲ τίνα με λέγετε εἶναι?* (“Hymeis de tína me légete einai?” - Vocês, no entanto, quem vocês dizem que eu sou?). Esta pergunta foi respondida por Pedro: *Τὸν Χριστὸν τοῦ Θεοῦ* (“Ton Christon tou Theou” - O Cristo de Deus).

Mesmo sendo discípulos, para alguns ainda não estava claro quem era Jesus. Mesmo após sua morte e ressurreição, Tomé quis tocar para ter certeza de que ali estava o Cristo ressuscitado. 300 anos depois, essa tarefa não tinha ficado mais fácil. Pelo contrário, se aqueles que estiveram com Cristo em carne não haviam percebido, como poderia aqueles que não andaram, somente ouviram falar, entender a ideia de Jesus como Deus? Ou como Salvador?

Portanto, desde a fundação do cristianismo, a igreja tem lidado com controvérsias no que diz respeito à aceitação de Cristo como Deus ou humano. Muitas ideias surgiram, principalmente entre os séculos IV – VIII, para tentar sistematizar o estudo da pessoa de Cristo, ou comumente chamada de Cristologia. Alguns desses pensamentos que contrastavam com as crenças da igreja, embora rotuladas de "heréticas", provocaram debates significativos sobre a pessoa de Cristo. Esses debates convocados são chamados de concílios.³

O primeiro concílio da igreja é o mencionado no capítulo 15 de Atos dos Apóstolos, onde Lucas relata o Concílio de Jerusalém em 50 d.C., liderado por Tiago, com o objetivo de discutir sobre a conversão dos judeus ao cristianismo e a difusão da Palavra aos gentios.⁴ Depois, apareceu a ameaça do gnosticismo e de outras doutrinas semelhantes; no século III, quando Cipriano era bispo de Cartago, foi debatida a questão da readmissão dos que tinham caído.⁵

Um fator limitante para as discussões prosseguirem, era a disponibilidade dos envolvidos de darem prosseguimento à discussão, pois muita das vezes estavam sendo perseguidos ou fugindo. Com o fim da perseguição promovido por Constantino no início do século IV, havia mais segurança e liberdade para prosseguir o debate de controvérsias teológicas. Ideias

³ DIÈGUE, Ricardo. **Christological controversies of the first four ecumenical councils**. B.A., Leavell College, June 27, 2014.

⁴ KELLY, Joseph F., **The Ecumenical Councils of the Catholic Church** (Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2009).

⁵ GONZÁLEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo**-Volume 1-Ed. Vida Nova.

controversas dentro do império poderiam dividi-lo, e Constantino não queria ameaçar a unidade do império. Assim, o primeiro concílio ecumênico foi convocado.⁶

Sete concílios ecumênicos foram chamados no total, entre os séculos IV-VIII. Dentre eles, os quatro primeiros destacam-se por sua autoridade doutrinária e por sua importância histórica. Nicéia I e Constantinopla I lançam base para as questões da trindade, enquanto Éfeso e Calcedônia tratam com mais afinco a questão da encarnação.⁷

1. NICÉIA (325)

O Primeiro Concílio Ecumênico foi convocado pelo Imperador Constantino, o Grande, em 325, em 20 de maio. O Conselho reuniu-se em Nicéia, na província de Bitínia, na Ásia Menor, e foi formalmente aberto pelo próprio Constantino. O Conselho aprovou 20 cânones, incluindo o Credo Niceno, o Cânon das Escrituras Sagradas (Bíblia Sagrada), e estabeleceu a celebração da Pascha (Páscoa).

Além dessas questões, a pessoa de Cristo foi debatida nesse concílio. A principal heresia debatida foi o arianismo. Ário era um padre em Alexandria e, no início do século IV, seu paradigma de pensamento cristão estava ganhando força.⁸ Em uma carta escrita por Ário para Eusébio, bispo de Nicomédia, em 321, ele diz:

[...] mas não podemos dar ouvidos, nem mesmo pensar em debelar estas heresias, sem que nos ameacem com mil mortes. Nós pensamos e afirmamos como temos pensado e continuamos a ensinar: que o Filho não é ingênito, nem participa absolutamente do ingênito, nem derivou de alguma substância, mas que por sua própria vontade e decisão existiu antes dos tempos e era inteiramente Deus, unigênito e imutável. Mas, antes de ter sido gerado ou criado ou nomeado ou estabelecido, ele não existia, pois ele não era ingênito. Somos perseguidos porque afirmamos que o Filho tem um início, enquanto Deus é sem início.⁹

A premissa fundamental de Ário é que ele deduz uma concepção da absoluta unidade e transcendência de Deus: somente Deus é “princípio não gerado” e a essência da divindade não pode ser dividida nem ser comunicada a outros, mesmo que o que existe tenha sido chamado a ser a partir do nada. Um dos slogans mais célebres e discutidos sobre o *Logos* consistia precisamente na afirmação segundo a qual “havia um tempo em que ele não era”, slogan que comprometia a unicidade de Deus.¹⁰

⁶ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

⁷ ALBERIGO, Giuseppe (Ed.). **Historia de los concilios ecuménicos**. Sígueme, 1993.

⁸ HASBROUCK, Ryan. **The First Four Ecumenical Councils as Ineffective Means to Control the Rise and Spread of Heterodox Christian Ideologies**. Dept. of History, University of Colorado, 2009.

⁹ BETTENSÓN, H. **Documentos da Igreja Cristã: Carta de Ário a Eusébio, bispo de Nicomédia (c.321)**. ASTE, São Paulo, 2011.

¹⁰ ALBERIGO, Giuseppe Op. Cit.

Na visão dos anti-arianos, é da própria natureza do Pai gerar o Filho; o Pai nunca foi outro senão o Pai; portanto, o Filho e o Pai devem ter existido desde toda a eternidade, o Pai gerando eternamente o Filho. A frase de vital importância na resposta ortodoxa ao arianismo era "de uma substância (*homoousios*) com o Pai". Esta frase afirma que o Filho compartilha o mesmo ser que o Pai e, portanto, é totalmente divino.¹¹ Assim, nasce o credo Niceno, que combatia as principais heresias arianas, além de definir questões cristológicas.

Conforme a tradição dos Evangelhos e dos Apóstolos, nós cremos em um só Deus, Pai todo poderoso, autor, criador, e ordenador, providente do universo, de quem todas as coisas adquirem existência. E num só Senhor, Jesus Cristo, seu filho, Deus unigênito, mediante o qual tudo existe, o qual foi gerado pelo pai antes de todas as épocas, Deus de Deus, tudo de tudo, único de único, completo de completo, rei de rei, senhor de senhor[...] e, se alguém disser que o Filho é uma criatura, como qualquer outra, ou uma prole como qualquer outra, ou uma obra como qualquer outra, seja anátema.¹²

Portanto, através deste concílio, fica decidido que Jesus é Deus verdadeiro, com a mesma essência (consustancial). Assim, três foram as decisões do concílio: a primeira edição do credo niceno, o termo *homoousios* (ὁμοούσιος) e a condenação de Ário. A carta que condena Ário e seus discípulos são bem claras ao anatematizar suas opiniões, classificando-as como blasfêmia e dementes.¹³

Examinou-se, de início, perante Constantino, nosso soberano mui amado de Deus, a impiedade e irregularidade de Ário e de seus discípulos. Decidiu-se por unanimidade que devem ser anatematizadas suas opiniões ímpias e todas as suas afirmações e expressões blasfematórias, tal como estão sendo emitidas e divulgadas, tais como: "o Filho de Deus é do que não é", "houve [um tempo] quando não existia"; ou afirmação de que Filho de Deus, em virtude de seu livre arbítrio, é capaz do bem e do mal, ou de que pode ser chamado de criatura ou de feitura. Todas essas afirmações anatematizadas pelo santo Sínodo, que não tolera declarações tão ímpias, tão dementes e blasfematórias...¹⁴

Entre os apoiadores de Ário, pode-se contar Atanásio, bispo de Anazarbus, Narciso de Neronias, Eusébio de Cesareia e Asterius. E, dos anti-arianos, podemos citar os Grandes Capadócijs (Basílio, o Grande, Gregório de Nazianzus - irmão mais novo de Basílio e Gregório de Nissa) e Atanásio de Alexandria, sendo este de grande importância para a história do concílio que sucedeu o de Nicéia.¹⁵

2. CONSTANTINOPLA (381)

¹¹ DAVIS, Leo Donald. **The first seven ecumenical councils (325-787)**, *Their History and Theology*. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1983.

¹² BETTENSON, H. Op. cit. O credo de dedicação (341) – Atanásio.

¹³ SCHMELING, Gaylin R. **The Christology of the Seven Ecumenical Councils**.

¹⁴ BETTENSON, H. Op. cit. Carta do Sínodo de Nicéia (325) – Condenação de Ário.

¹⁵ DIÈGUE, Ricardo. Op. cit.

Atanásio era secretário de Alexandre, o Bispo de Alexandria. Quando Alexandre morreu, Atanásio foi eleito bispo de Alexandria. Eusébio de Nicomédia, um dirigente ariano que possuía contato direto com Constantino, fez declarações sobre Atanásio, as quais levaram Constantino a decretar o exílio de Atanásio em Tréveris, no Ocidente.¹⁶

Constantino adoeceu e morreu no ano 337, e logo em seguida o trono foi assumido por seu filho Constâncio, que revogou todos os exílios e Atanásio retornou a Alexandria. A mudança de liderança teve um profundo impacto na controvérsia ariana, pois Constâncio, também próximo de Eusébio de Nicomédia, tornou-o bispo de Constantinopla, e simpatizou com as visões arianas.¹⁷ Tentando combater o arianismo, Apolinário acabou se excedendo em seu pensamento, o que levou sua teoria a se tornar uma heresia.

Apolinário alegou que o *nous* (mente, alma) de Cristo era essencialmente o *Logos* (divino) em uma forma glorificada e espiritualizada da humanidade (seu corpo).¹⁸ Ele acreditava que o *Logos* havia substituído a alma de Jesus. Por ter uma ideia opressiva da natureza divina de Jesus, Apolinário cancelou a natureza humana de Jesus.¹⁹ Isso se chama Monofisismo: do grego *monos* “apenas uma” e *physis* “natureza” e é a crença de que, como resultado da encarnação, a humanidade de Jesus foi tão infundida por Sua divindade que ele tinha apenas uma natureza divina.²⁰ Estava formado o palco para o segundo concílio ecumênico.

Atanásio foi um dos maiores apologistas de Cristo durante o concílio de Constantinopla. Para combater o apolinarismo, Atanásio argumentou que Jesus era simultaneamente homem e Deus. A fim de evidenciar sua posição, ele mostrou que foi a encarnação que permitiu que Jesus cumprisse Seu papel pretendido na Terra. Colocando seu argumento em termos negativos, Atanásio está dizendo que se Jesus não tivesse nascido de uma mulher e, portanto, habitado um corpo humano e vivido uma vida humana, Ele não poderia ter concedido salvação à humanidade através de Sua morte.²¹

No começo de seus discursos, Atanásio não usou muito o *homoousios* niceno, mas gradualmente ele viu toda a sua implicação e se tornou seu defensor mais resolutivo. A semelhança e a unidade do Pai e da Palavra não podem consistir apenas em harmonia e

¹⁶ GONZÁLEZ, Justo L. Op. cit.

¹⁷ RUBENSTEIN, Richard, **When Jesus Became God: The Struggle to Define Christianity during the Last Days of Rome**. Orlando: Harcourt, Inc., 2000.

¹⁸ ANDERSON, William P. **A Journey through Christian Theology**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2nd edition, 2010.

¹⁹ BELLITTO, Christopher M. **The General Councils: A History of the Twenty-One Church Councils from Nicaea to Vatican II**. Mahwah, NJ: Paulist Press, 2002.

²⁰ JOHNSON, Douglas W., **The Great Jesus Debates: 4 Early Church Battles about the Person and Work of Jesus**. Saint Louis: MO Concordia Publishing House, 2005.

²¹ HASBROUCK, Ryan. Op. cit.

concordância de mente e vontade, mas devem respeitar a essência (*οὐσία*). A divindade do Pai é idêntica à divindade do *Logos*. O *Logos* é diferente do Pai, porque Ele veio do Pai, mas como Deus, o *Logos* e o Pai são um e o mesmo. O que é dito do Pai é dito do Filho, exceto que o Filho não é chamado Pai. Pode-se dizer que os seres humanos são *homoousioi* porque compartilham a natureza humana, mas não podem possuir uma mesma substância (*υπόστασις*) idêntica.²²

Esse é o ponto em que o credo foi direcionado: a palavra Deus conota precisamente a mesma verdade quando você fala de Deus, o Pai, como acontece quando você fala de Deus, o Filho. Conota a mesma verdade. Se você contempla o Pai, que é uma apresentação distinta da divindade, obtém uma visão mental do único Deus verdadeiro. Se você contempla o Filho ou o Espírito, obtém uma visão do mesmo Deus; embora a apresentação seja diferente, a realidade é idêntica.”²³

Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus: e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem.

A fórmula proposta por Atanásio resolveu temporariamente o dilema cristológico que atormentava a igreja primitiva. No entanto, a má interpretação do credo em uma capacidade diferente logo criou mais inquietação e a necessidade de outro conselho ecumênico.

3. ÉFESO (431)

Mesmo depois de Constantinopla I, as questões voltaram a aparecer. Como poderia Jesus ser homem e Deus ao mesmo tempo? Quais eram as implicações dessa afirmação para Maria? Era Jesus humano em algumas situações e Deus em outras? Seria Maria mãe apenas da parte humana ou também da parte divina? Como fazer essa distinção? ²⁴

O próximo episódio das controvérsias cristológicas ocorreu através da pessoa de Nestório, um partidário da escola de Antioquia, que se tornou patriarca de Constantinopla em 428. Por Constantinopla ter sido declarada a capital do Império Oriental, Antioquia e

²² DAVIS, Leo Donald. Op. cit.

²³ DAVIS, Leo Donald. Op. cit.

²⁴ BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 concílios da Igreja: de Nicéia ao Vaticano II**. Tradução de Cláudio Queiroz de Godoy. São Paulo: Loyola, 2010.

Alexandria se tornaram rivais. Cirilo, que era bispo de Alexandria, se levantou para combater as ideias de Nestório.²⁵

O motivo imediato da controvérsia foi o termo *theotokos*, que era usado para Maria. *Theotokos*, geralmente traduzido por “mãe de Deus”, literalmente quer dizer “genitora de Deus”. Ao explicar sua oposição a esse termo, Nestório dizia que Deus, em Jesus Cristo, uniu-se a um ser humano. Como Deus é uma pessoa, e o ser humano é outra, em Cristo devem estar presentes não só duas naturezas, mas também duas pessoas. O que nasceu de Maria foi a pessoa e natureza humana, e não a divina. Por isso, Maria é *Christotokos* (genitora de Cristo), e não *theotokos* (genitora de Deus).²⁶

Cirilo insistiu na unidade do divino e do humano a ponto de poder dizer que o Verbo sofreu por nós, não porque o divino sofreu (uma impossibilidade), mas que o divino e o humano se completaram na mesma pessoa.²⁷ As duas naturezas, que foram unidas a fim de formarem a verdadeira unidade (união hipostática), eram diferentes, mas de ambas houve um só Cristo e um só Filho. É nesse sentido que Cristo nasceu, na expressão bíblica, da carne de mulher, embora existisse e fosse gerado pelo Pai antes de todos os séculos.²⁸

Cirilo escreveu doze anátemas e enviou a Constantinopla, juntamente com uma extensa carta que expunha sua doutrina. Dentre os principais pontos, é interessante ressaltar os pontos um e dois, que falam sobre Maria e sobre a união hipostática.

Se alguém não confessar que o Emanuel é verdadeiro Deus e que, portanto, a Santa Virgem é *Theotókos*, porquanto deu à luz, segunda a carne, ao Verbo de Deus feito carne, seja anátema. Se alguém não confessar que o Verbo de Deus Pai estava unido pessoalmente [*kath' hypóstasin*] à carne, sendo com ela propriamente um só Cristo, ou seja, um só e mesmo Deus e homem ao mesmo tempo, seja anátema.²⁹

Enquanto isso, Nestório foi deposto e enviado a um mosteiro de Antioquia. Mais tarde, ele foi transferido para a distante cidade de Petra e, por fim, a um oásis no deserto da Líbia, onde passou o resto de seus dias.³⁰

4. CALCEDÔNIA (451)

Após o Concílio de Éfeso, o debate sobre as duas naturezas de Jesus estava em andamento. É importante lembrar que, com a Escola Alexandrina, liderada por Cirilo, a união foi feita de tal maneira que o Logos substituiu a alma e, portanto, a divindade de Jesus

²⁵ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

²⁶ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

²⁷ KELLY, Joseph F.,

²⁸ BETTENSON, H. Op. cit. **Exposição de Cirilo**

²⁹ BETTENSON, H. Op. cit. **Anátemas de Cirilo de Alexandria**

³⁰ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

submergiu sua humanidade. No entanto, para a Escola de Antioquia, a "união" foi feita com a distinção de ambas as naturezas que permaneceram separadas.³¹

A controvérsia cristológica de Éfeso acabou com a condenação de Nestório e o seu envio para o exílio. No entanto, quando Dióscoro substituiu Cirilo no patriarcado em Alexandria em 444, um novo embate estava para surgir. Agora, a heresia era liderada por Êutico, um monge que morava em Constantinopla. Os ideais pregados por Êutico eram apoiados por Dióscoro, o que dava a ele certa ousadia e arrogância para falar. Mal sabia ele que as intenções de Dióscoro eram políticas: ele esperava que Êutico fosse condenado no concílio para poder ter uma causa a defender contra Flaviano, o novo patriarca de Constantinopla.³²

Dedicado à teologia de Cirilo e altamente ortodoxo, Êutico começou a ensinar que antes da Encarnação, Cristo era de duas naturezas, mas depois havia um Cristo, um Filho, um Senhor em uma hipóstase. Ele repudiou a existência de duas naturezas após a Encarnação, em oposição às Escrituras e ao ensino dos Pais.³³

"Eu adoro", ele insistiu, "uma natureza, a de Deus que se fez carne e se tornou homem". No entanto, ele admitiu que Cristo nasceu da Virgem que era substancial conosco (humanos) e era Deus perfeito e homem perfeito. No entanto, a carne de Cristo não era, em sua opinião, consubstancial à carne humana comum. No entanto, ele reconheceu que a humanidade de Cristo era uma humanidade plena, sem falta de uma alma racional, como era para os apolinaristas. A humanidade de Cristo também não era uma mera aparência, como era para os docetistas. Tampouco a Palavra e a carne foram fundidas em uma natureza mista. Ainda assim, ele repetiu obstinadamente que Cristo é de duas naturezas antes da Encarnação, e de apenas uma depois da encarnação.³⁴

Leão, o grande, foi o principal defensor da ortodoxia nesse concílio, e sua defesa gerou o Tomo de Leão. A definição de Calcedônia, portanto, pode ser vista como proposições apologéticas aos pensamentos do eutiquianismo.

Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial [*homoousios*] ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; "em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado", gerado, segundo a divindade, antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria, mãe de Deus [*Theotókos*]. Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis. A distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência [*hypóstasis*]; não dividido ou

³¹ BOKENKOTTER, Thomas. **A Concise History of the Catholic Church**. New York: DoubleDay, 2004.

³² GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

³³ DAVIS, Leo Donald. Op. cit.

³⁴ DAVIS, Leo Donald. Op. cit.

separado em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor, conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos pais nos transmitiu.³⁵

5. CONSTANTINOPLA II (553)

O período pós Calcedônia foi muito parecido com o de Nicéia: em ambos os concílios, uma solução basicamente ocidental para um problema oriental havia sido introduzida na dieta teológica do Oriente. Depois dos dois concílios, o Oriente levou muito tempo e esforço para digerir e assimilar tudo o que ficou decidido. No caso de Nicéia, o mundo romano gradualmente aceitou seu credo. O arianismo permaneceu firme entre as tribos alemãs por um tempo, mas muito lentamente sucumbiu a Nicéia. No caso de Éfeso e Calcedônia, seções do mundo romano e além entraram em cisma em vez de aceitar suas decisões e continuariam em cisma até os nossos dias. O concílio de Constantinopla II foi um esforço para mostrar aos (até então) monofisitas cismáticos que Calcedônia realmente preservava os valores teológicos.³⁶

Quando Justino morreu, em 527, seu sobrinho Justiniano assumiu o império Bizantino. Seu principal ideal era o de unir o império. No entanto, ele precisaria reunificar uma igreja dividida pela questão cristológica. Justiniano achava que o concílio de Calcedônia tinha se pronunciado corretamente com respeito às naturezas de Cristo, mas ao mesmo tempo percebia que os monofisitas mais moderados tinham razão ao apontar para os perigos que essa doutrina poderia trazer consigo.³⁷

Assim, o concílio foi solicitado e aconteceu em 5 de maio de 553, no grande salão anexo ao palácio patriarcal em Constantinopla. Estavam presentes os representantes do patriarca de Jerusalém; todos os 151 a 168 bispos presentes, incluindo seis a nove da África³⁸

O objetivo de convocar o concílio de Constantinopla II foi o de condenar as obras de três homens, a saber: Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto de Cyr e Ibas de Edessa, que tiveram suas declarações individuais agrupadas e chamadas de “três capítulos”. Eles foram acusados de simpatizarem com o nestorianismo e de favorecerem o monofisismo, ao afirmar que Jesus tinha uma só natureza, o divino sobrepujando o humano. Os “capítulos” foram condenados nesse concílio.³⁹

Se alguém não reconhece **a única natureza ou substância** (oysia) do Pai, Filho e Espírito Santo, sua única virtude e poder, uma Trindade consubstancial, seja anátema. Porque existe um só Deus e Pai, do qual procedem todas as coisas, e um só Senhor

³⁵ BETTENSON, H. Op. cit. **A definição de Calcedônia (451).**

³⁶ DAVIS, Leo Donald. Op. cit.

³⁷ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

³⁸ DAVIS, Leo Donald. Op. cit.

³⁹ BELLITTO, Christopher M. Op. cit.

Jesus Cristo, através do qual são todas as coisas, e um só Espírito Santo, no qual estão todas as coisas.⁴⁰

Portanto, o Concílio de Constantinopla II esclareceu, mais uma vez, os ensinamentos da Igreja sobre as duas naturezas de Jesus, unidas hipostaticamente em uma só pessoa. Os padres não só condenaram os heréticos e as heresias, como também os que simpatizavam com elas.⁴¹

6. CONSTANTINOPLA III (680-681)

Em 7 de novembro de 680, o concílio de Constantinopla III abriu em uma grande sala abobadada, o Trullus, no palácio imperial, com apenas quarenta e três bispos presentes. O próprio imperador abriu o concílio e presidiu as onze primeiras sessões. O concílio teve dezoito sessões separadas por longos intervalos até 16 de setembro de 681.⁴²

Os legados papais começaram exigindo que o clero de Constantinopla explicasse seus ensinamentos sobre monoenergismo e monotelismo. A convite do imperador, Jorge de Constantinopla e Macário de Antioquia responderam que eles ensinavam apenas doutrinas definidas pelos conselhos. Seguiu-se a leitura dos atos dos Concílios de Éfeso, Calcedônia e Constantinopla II.⁴³

O patriarca Sérgio de Constantinopla, depois de tentar sem sucesso várias maneiras de aproximar-se dos monofisitas, propôs a doutrina chamada de “monotelismo”. Essa palavra vem das raízes gregas *mono* (um), e *thelema* (vontade). O que Sérgio propunha é que em Cristo, ao mesmo tempo em que havia duas naturezas, a divina e a humana, como o concílio de Calcedônia declarara, havia uma só vontade. Ao que parece, o que Sérgio queria dizer era que em Cristo não havia outra vontade além da divina. Quando perguntaram ao papa Honório o que ele pensava da fórmula de Sérgio, o papa a aprovou. Porém, a oposição em várias regiões do Império não demorou.⁴⁴

O teólogo que mais se distinguiu nesse sentido foi Máximo de Crisópolis, que é conhecido por Máximo, “o Confessor”. Mais tarde, em 648, a oposição ao monotelismo chegou a tal ponto que o imperador Constante II proibiu qualquer discussão sobre se em Cristo havia uma ou duas vontades. Quando o imperador promulgou essa proibição, o Império tinha perdido o interesse de aproximar-se dos monofisitas. Síria e Egito, as regiões do Império onde o monofisismo tinha a maior parte dos seus adeptos, haviam sido conquistados pouco antes pelos

⁴⁰ BETTENSON, H. Op. cit. **Os “três capítulos” – Os cânones do segundo concílio de Constantinopla (553).**

⁴¹ BELLITTO, Christopher M. Op. cit.

⁴² DAVIS, Leo Donald. Op. cit.

⁴³ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

⁴⁴ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

árabes. Isto queria dizer que a partir de então a corte de Constantinopla, em vez de preocupar-se com a boa vontade dos monofisitas de Egito e Síria, tinha de melhorar as suas relações com os cristãos calcedonenses, que eram a maioria, tanto nos territórios que ainda pertenciam ao Império, como no Ocidente.⁴⁵

Em consequência, o sexto concílio ecumênico que se reuniu em Constantinopla em 680 e 681 condenou o monotelismo e reafirmou a *Definição de fé* de Calcedônia. Entre os monotelitas condenados especificamente pelo concílio, estava o papa Honório. Esse caso de um papa condenado nominalmente como herege por um concílio ecumênico foi uma das dificuldades que os católicos tiveram de enfrentar quando, no século XIX, conseguiram que o concílio Vaticano I promulgasse a infalibilidade papal.⁴⁶

7. NICÉIA II (787)

A última grande controvérsia que atingiu a igreja durante o período citado (até o século VIII) questionava o uso de imagens no culto público. A igreja cristã antiga parecia não se opor ao uso delas para decoração, como imagens alusivas a episódios da Bíblia. No entanto, quanto mais pagãos se convertiam, mais os líderes temiam que as imagens levassem à prática da idolatria. Alguns, no entanto, reforçavam o valor das imagens como ‘livros iletrados’, uma vez que muitos não sabiam ler. Assim, surgiram dois partidos que receberam o nome de ‘iconoclastas (destruidores de imagens) e os ‘iconodulos’ (adoradores de imagens).⁴⁷

Os iconoclastas se baseavam em passagens bíblicas que proíbem a idolatria, como Êxodo 20:4-5. Os iconodulos, por sua vez, relacionaram a discussão com as controvérsias cristológicas dos séculos anteriores.

A razão pela qual é possível representar os mistérios divinos através de imagens é que, em Cristo, o próprio Deus nos deu sua imagem. Não deixar representar a Cristo equivaleria a negar a sua humanidade. Se Cristo foi homem, deve ser possível representá-lo, assim como qualquer outro homem pode ser representado. Além disso, o primeiro criador das imagens foi o próprio Deus, ao criar a humanidade à sua imagem.⁴⁸

Embora os bispos tivessem sido notavelmente longínquos em seus debates, eles foram bastante concisos em seu decreto. Eles disseram que Cristo nos livrou da loucura idólatra e sempre continua sustentando Sua Igreja, mas alguns, mesmo os sacerdotes, se desviaram, deixando de “distinguir entre santo e profano, estilizando as imagens de Nosso Senhor e de

⁴⁵ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

⁴⁶ BELLITTO, Christopher M. Op. cit.

⁴⁷ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

⁴⁸ GONZÁLEZ, Justo L Op. cit.

Seus santos da mesma maneira como as estátuas dos ídolos diabólicos." Os bispos acrescentaram a aceitação dos seis concílios ecumênicos anteriores, especialmente o que se encontrava "na ilustre metrópole de Nicéia".⁴⁹

Em seguida, eles mantiveram inalteradas todas as tradições eclesiásticas que foram transmitidas, seja por escrito ou verbalmente, uma das quais é a realização de representações pictóricas, agradáveis à história da pregação dos Evangelhos, uma tradição útil em muitos aspectos, mas especialmente nisso, que a encarnação da Palavra de Deus é mostrada como real e não meramente fantástica.⁵⁰ Em resumo, o uso das imagens foi restaurado para veneração (dulia), mas não para adoração (latria)⁵¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de inúmeras controvérsias e debates, é interessante perceber como cada decisão tomada nos ajudou a entender temas cristológicos. Percebe-se que desde o início, existe uma tentativa de explicar e sistematizar a natureza de Cristo, tentando definir em quais momentos seu lado humano e/ou divino estava em ação. As heresias debatidas foram importantes para que as respostas levantadas pela Igreja formassem, ou pelo menos ajudassem a formar o pensamento que temos hoje sobre quem é Cristo e sua natureza. É inevitável que temas adjacentes aparecessem, como a própria natureza de Maria e a adoração a imagens. Estudar este recorte da história do cristianismo é, portanto, fundamental para compreender o pensamento da Igreja daqueles séculos, e qual a visão que eles tinham sobre quem é Jesus. O exercício mental aqui que pode ser realizado, é o de comparar as mentalidades e tentar perceber se muita coisa mudou para os nossos dias. Um segundo e último exercício que pode ser feito é o de avaliar o quanto esse conjunto de pensamento do século VIII nos influencia atualmente.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe (Ed.). **Historia de los concilios ecuménicos**. Sígueme, 1993.

ANDERSON, William P. **A Journey through Christian Theology**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2nd edition, 2010.

BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 concílios da Igreja: de Nicéia ao Vaticano II**. Tradução de Cláudio Queiroz de Godoy. São Paulo: Loyola, 2010.

⁴⁹ BELLITTO, Christopher M. Op. cit.

⁵⁰ BELLITTO, Christopher M. Op. cit.

⁵¹ WILLIAMS, Terri. **Cronologia da História Eclesiástica**: em gráficos e mapas. São Paulo: Vida Nova, 1993.

BELLITTO, Christopher M. **The General Councils: A History of the Twenty-One Church Councils from Nicaea to Vatican II**. Mahwah, NJ: Paulist Press, 2002.

BETTENSON, H. **Documentos da Igreja Cristã: Carta de Ário a Eusébio, bispo de Nicomédia (c.321)**. ASTE, São Paulo, 2011.

DAVIS, Leo Donald. **The first seven ecumenical councils (325-787), Their History and Theology**. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1983.

DIÈGUE, Ricardo. **Christological controversies of the first four ecumenical councils**. B.A., Leavell College, June 27, 2014.

GONZÁLEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo**-Volume 1-Ed. Vida Nova.

HASBROUCK, Ryan. **The First Four Ecumenical Councils as Ineffective Means to Control the Rise and Spread of Heterodox Christian Ideologies**. Dept. of History, University of Colorado, 2009.

JOHNSON, Douglas W., **The Great Jesus Debates: 4 Early Church Battles about the Person and Work of Jesus**. Saint Louis: MO Concordia Publishing House, 2005.

KELLY, Joseph F., **The Ecumenical Councils of the Catholic Church** (Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2009).

RUBENSTEIN, Richard, **When Jesus Became God: The Struggle to Define Christianity during the Last Days of Rome**. Orlando: Harcourt, Inc., 2000.

SCHMELING, Gaylin R. **The Christology of the Seven Ecumenical Councils**.

WILLIAMS, Terri. **Cronologia da História Eclesiástica: em gráficos e mapas**. São Paulo: Vida Nova, 1993.